

# VIII Fórum da Longevidade discute Covid-19, envelhecimento ativo, solidariedade e políticas públicas

Em sua oitava edição, o evento organizado pelo ILC-Brazil contou com a participação de especialistas brasileiros e de mais cinco países

**2020** foi um ano difícil. A pandemia provocada pela Covid-19 deixou todas as camadas da população em alerta. Só no Brasil, até o início de dezembro, já marcávamos 6,4 milhões de contaminados e o número de mortes passava de 173 mil. Mas uma parte dessas pessoas sofreu ainda mais: os idosos. Considerados grupos de risco, foram particularmente afetados, pois precisaram se isolar em casa, afastando-se dos seus familiares e das suas atividades rotineiras, inclusive visitas periódicas aos médicos. E muitos não sobreviveram à doença. Neste ano de incertezas, o Fórum Internacional da Longevidade, organizado pelo Centro Internacional da Longevidade Brasil (ILC-BR), com apoio da Bradesco Seguros, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e da Unibes Cultural, não poderia deixar de apontar como essa situação afetou a população idosa, nem de mostrar que é preciso aprender com os erros, fortalecer os acertos e seguir em frente, com segurança e responsabilidade. Por isso, o simpósio foi batizado de “Envelhecimento 2020, virando a página”.

O presidente do ILC-BR, o médico Alexandre Kalache, também copresidente da Aliança Global de ILCs, abriu o evento falando sobre os desafios do ano e mostrando que é preciso virar a página, mas com precaução, garantindo um futuro mais seguro e ativo para a população idosa. “Foi um ano que todos nós gostaríamos de deixar para trás, esperando um 2021 cheio de esperança, solidariedade e compaixão para que a nossa longevidade possa ter um futuro mais promissor”, alertou Kalache. Ele também ressaltou que a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou a Década do Envelhecimento Saudável, período compreendido entre 2020 e 2030, que joga luz para a importância da sociedade se pre-

parar para atender essa população idosa.

“Em tão pouco tempo fomos modificados pela realidade, que colocou a nu todas as nossas fragilidades. Temos que reforçar as nossas políticas de saúde, que são absolutamente necessárias e ainda pouco valorizadas. O mesmo vale para a população idosa institucionalizada, que se mostrou a mais vulnerável diante da Covid-19 – e, no entanto, a mais negligenciada, não fosse a atuação da sociedade civil”, comentou a médica Karla Giacomini, vice-presidente do ILC-BR, e que também está no comando da Frente Nacional de Fortalecimento às Instituições de Longa Permanência para Idosos (FN-ILPI), movimento civil nascido junto com a pandemia e que visa a apoiar essas instituições.

Em formato inédito, o Fórum da Longevidade, em sua oitava edição, aconteceu em ambiente on-line, em quatro encontros que discutiram temas específicos e fundamentais para a pessoa idosa. O primeiro deles foi A Década do Envelhecimento Ativo e Saudável.



Alexandre Kalache, presidente do ILC – BR, abre o VIII Fórum Internacional da Longevidade

vel. O segundo focou em Solidariedade, Empatia e Compaixão. Já o terceiro mostrou os Impactos Sociais da Revolução da Longevidade. E o quarto olhou à frente e discutiu Como Será o Futuro?

## 1. O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E ATIVO

A causa do envelhecimento saudável e ativo é algo que não mexe apenas com o Brasil, mas com o mundo todo, como destacou a médica Lely Guzman, do escritório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), de Brasília (DF). Segundo ela, a iniciativa da OMS ao declarar a década 20-30 como a do Envelhecimento Saudável é fundamental para fortalecer a saúde da população idosa e criar um plano de envelhecimento saudável. Apesar de vinte países das Américas já declararem que possuem uma política ou estratégia para a saúde dos idosos, o que se vê é que o envelhecimento não é prioridade nessa região. Por isso, Lely ressaltou que estamos em uma corrida contra o tempo. “O índice de envelhecimento nas Américas está subindo muito mais do que o da média global. Em 2030 já teremos um número maior de idosos a cada cem jovens com menos de 15 anos. No mundo isso deve ocorrer somente em 2055”, contou. Daí a importância de já criar iniciativas para preparar a população. “Queremos que nossos países se sensibilizem para essa necessidade, enxergando nessa faixa etária não um problema, mas uma oportunidade”, disse a representante da OPAS. Essa iniciativa está baseada em quatro pilares:

- na mudança da forma como pensamos, sentimos e agimos em relação à idade e ao envelhecimento;
- na garantia que as comunidades ofereçam atividades que promovam a capacidade das pessoas idosas;
- na oferta de serviços de cuidados integrados e de atenção primária adequados à pessoa idosa;
- no acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem deles.

Kalache ressaltou ainda que o termo “saudável” não se refere apenas à saúde física, mas a aspectos amplos que partem do ponto de vista físico, passam pelo mental, pelo social e pelo financeiro. “Você tem que ter conhecimento do envelhecimento, tem que se preparar para aprender ao longo da vida, fortalecer relações sociais com a família e amigos e se planejar financeiramente. Quanto antes começar, melhor”, explicou.

### Atenção aos sistemas de saúde

Partindo da necessidade do cuidado com a saúde, um dos pilares

da iniciativa da OMS, e ainda levando em consideração a problemática da Covid-19, o Fórum mostrou a importância dos sistemas de saúde. Estudos internacionais já mostraram que ter um sistema de saúde universalizado faz a diferença para o enfrentamento de grandes pandemias e também para a saúde geral no dia a dia. Para Marília Louvison, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, o envelhecimento saudável depende desse sistema. Por isso, as políticas de saúde devem pensar em atender a todos de forma universal. “O sistema de saúde não deve pensar apenas no tratamento das doenças, mas ter um conceito ampliado na saúde e concebido em função da redução das desigualdades”, diz Marília. Daí que não dá para pensar na questão do envelhecimento saudável sem passar por essas políticas públicas de saúde. Segundo Marília, ser ativo ou ter uma boa saúde não é somente uma questão individual, porque, mesmo que a pessoa idosa faça boas escolhas em sua vida, ela precisa ter oportunidades para colocar tudo isso em ação – seja por meio de uma cidade amiga da pessoa idosa ou de um sistema de saúde capaz de suportar uma demanda específica, como foi o caso da Covid-19, oferecendo não só um leito de hospital ou atendimento médico, mas a possibilidade de um isolamento adequado, acesso à água e sabão para lavar as mãos e álcool para higienização.

Mas para um sistema público funcionar é preciso mais investimento financeiro; integração maior entre as esferas municipal, estadual e federal; e uma regulação do sistema público-privado sem o interesse de medicalizar o envelhecimento, e sim ajudar a promover estratégias conforme a necessidade do sistema público. Deve-se ter um olhar específico para a pessoa idosa, pensar na construção de cidades e políticas públicas que sejam amigas desse público, para que ele possa envelhecer da melhor maneira.

### A importância da atenção primária

O médico de família Eberhart Portocarrero-Gross, que atua na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, salientou a importância de um sistema de atenção primária forte, que atenda esse idoso em sua necessidade e seja centrada na individualidade, estabelecendo uma relação de confiança e compromisso. Por atenção primária entende-se o atendimento inicial dos problemas de saúde, de maneira que possam ser resolvidos rapidamente e antes que se agravem, exigindo um atendimento mais específico. Segundo Portocarrero-Gross, de 80% a 85% dos problemas de saúde podem ser resolvidos na atenção primária. Em seu painel, ele destacou os quatro atributos essenciais da atenção primária à saúde,

principalmente às pessoas idosas:

**1. Acesso:** o paciente precisa ter acesso facilitado ao atendimento. Ele deve ser atendido rapidamente e ter uma resposta à sua solicitação, sem precisar ir a um pronto-socorro ou outro serviço de emergência.

**2. Integralidade:** o médico precisa ver o paciente como um todo, levando em conta seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Sua história de vida, seus hábitos diários e suas crenças influenciam a doença e também devem ser considerados no tratamento.

**3. Longitudinalidade:** a atenção primária à saúde prevê o acompanhamento do paciente ao longo do tempo, com o mesmo médico e com a mesma equipe. Isso garante que a pessoa poderá ser acompanhada por alguém que a conhece muito bem e com quem ela se sente confortável em relatar seus problemas e questões.

**4. Coordenação do sistema:** é a organização do atendimento de cada paciente, levando em consideração as suas particularidades e acompanhando seu retorno, caso necessite de algum atendimento mais especializado. Essa coordenação também permite a integração e o acompanhamento quando o paciente tem a necessidade de ser atendido por mais de uma especialidade, o que é muito comum na pessoa idosa.

## 2. A QUESTÃO DA SOLIDARIEDADE E DA EMPATIA

Como podemos construir solidariedade, empatia e compaixão levando em consideração todo o processo da Covid-19 pelo qual os idosos passaram durante 2020? Foi com essa provocação que o médico Alexandre Kalache abriu o segundo encontro do VIII Fórum Internacional da Longevidade.

Para mostrar como esse olhar ao outro pode funcionar, ele convidou Margaret Gillis, presidente do ILC-Canadá, para compartilhar a experiência daquele país durante a pandemia. Para ela, apesar de o Canadá ter um sistema exemplar de cuidado à saúde e ser listado como um dos melhores lugares para se viver no mundo, essa perspectiva não se reflete quando se trata de cuidados da pessoa idosa. E, com a presença da Covid-19, o preconceito em relação à idade ficou ainda mais evidente. Os idosos foram colocados em grupos separados, alguns foram esquecidos em hospitais ou instituições de longa permanência, outros nem tiveram acesso a um atendimento médico. Só para ter uma ideia,

até novembro de 2020, 95% das mortes por Covid-19 no Canadá foram de pessoas idosas.

“A nossa taxa de mortalidade, quando comparada com outros países, é baixa, mas, se fizermos um corte apenas na população idosa, ela dobra”, explicou Margaret. Ela destacou que muitos idosos morreram sozinhos, por desidratação e desnutrição, que são cuidados básicos – uma enorme prova da falta de compaixão e empatia do Canadá pelos seus idosos. Essa situação vergonhosa, como classificou a presidente do ILC-Canadá, mostrou a necessidade de uma resposta pelos direitos humanos dessas pessoas e da luta pelo fim da discriminação pela idade. Nesse aspecto, segundo ela, a ONU precisa trabalhar uma convenção global que proteja os direitos dos idosos, por se tratar de uma oportunidade para construir um mundo com mais compaixão e um olhar de proteção para essa população.

Para Kalache, a experiência compartilhada pela palestrante canadense mostra que, mesmo em países com alta qualidade de vida, a Covid-19 mostrou que as pessoas mais vulneráveis continuam a ser as mais prejudicadas. “Temos que aprender lições, porque essa não será a última pandemia. Outras virão e teremos que estar preparados para lidar com mais empatia e mais solidariedade”, alertou o médico. Já a psicóloga Laura Machado, membro do Conselho HelpAge International, destacou a importância de discutir os direitos do idoso e de dar voz a esse grupo. “A pandemia trouxe à luz o fato de que a discriminação por idade continua sendo um fato muito grave e reforçou que os idosos são os mais vulneráveis. O que ficou claro é que o mundo pós-pandemia só vai caminhar para um mundo mais igualitário para a pessoa idosa se houver mais solidariedade, mais empatia e mais compaixão”, revelou Laura.

### Desigualdades no envelhecimento e raça

Além do preconceito por idade, o segundo encontro ainda falou sobre o preconceito racial e as desigualdades no envelhecimento. O painel conduzido pelo professor Alexandre da Silva, doutor em saúde pública pela Universidade de São Paulo (USP), reforçou a importância de falar sobre esse assunto para, a partir daí, pensar em possibilidades de solidariedade. Apesar de ser tratada como minoria, a população idosa negra não é um grupo pequeno e sem representatividade. Segundo ele, mais da metade dos idosos brasileiros são negros – isso mesmo com toda a dificuldade que eles têm para sobreviver, expondo-se não só ao racismo mas a outros problemas, também estruturais, como as vulnerabilidades (so-

cial, financeira e física) e a violência de diferentes tipos. “O racismo afeta a pessoa negra antes mesmo do nascimento – o pré-natal das mulheres negras já é diferente. Na infância e na adolescência, ela sofre diversas maneiras de rejeição, como a estética, ou com menos possibilidades de educação e lazer, ou ainda com abordagens policiais violentas. E, na fase mais avançada do envelhecimento, temos a consequência dessa jornada, em que sua falta de escolaridade, as condições em que vive vão afetar as suas chances de vida”, explicou Silva.

Em tempos de Covid-19 essa desigualdade ficou ainda mais evidente. De acordo com o Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), da PUC-Rio, a letalidade de negros causada pela doença é maior entre os pretos e pardos em todas as faixas etárias. Para o professor, isso ainda é consequência das condições socioeconômicas e do racismo estrutural que se revela pela falta de respeito, pela negligência em lidar com o racismo e suas consequências, pelo acesso reduzido a políticas de qualidade e pela escassez de recursos, entre outros fatores.

Praticar a solidariedade e aumentar a empatia, no caso desse grupo, é proporcionar mais condições para que ele viva melhor, tenha mais chances de aprendizado, mais acesso ao sistema de saúde, mais atividades sociais e de lazer específicos para a população idosa negra. “De positivo podemos citar a maior coesão da sociedade, com as ONGs e comunidades, que ajudaram a blindar e proteger essas pessoas”, disse Silva.

### 3. IMPACTOS SOCIAIS DA REVOLUÇÃO DA LONGEVIDADE

A expectativa de vida do brasileiro aumentou de maneira significativa nas últimas décadas. Se em 1940 essa expectativa era de 43 anos para homens e 48 anos para mulheres, em 2019 esses números saltaram para 73 e 80 anos, respectivamente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse aumento muda a sociedade e obriga governantes e a sociedade a pensar sobre a importância do envelhecimento ativo. Já não é mais possível considerar que a aposentadoria é o fim da vida. Hoje ela é mais uma etapa que ainda traz muitas responsabilidades para a pessoa idosa, inclusive a de sustento familiar.

Diante desse cenário, o terceiro encontro do VIII Fórum Internacional da Longevidade discutiu os impactos sociais dessa longevidade e como a sociedade precisa se preparar para acolher – com saúde, conhecimento, direito a participar da sociedade e segurança – os idosos. “Para isso, é preciso que tenhamos um

enfoque na área econômica, na aprendizagem ao longo da vida e também nas oportunidades de trabalho”, explicou Kalache.

Ana Amélia Camarano, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e membro do conselho do ILC-BR, mostrou a importância econômica na pessoa idosa dentro das famílias brasileiras. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios (Pnad), do IBGE, 35% dos domicílios brasileiros possuem um idoso residindo junto com a família. E mais: entre os considerados não idosos – população com idade entre 21 anos e 60 anos –, mais da metade não trabalhava. A pesquisa ainda mostrou outro dado importante: nessas casas, os idosos contribuíam com quase 71% do orçamento familiar, a maior parte proveniente da Seguridade Social, ou seja, da aposentadoria ou algum outro benefício concedido pelo governo. Diante da pandemia, esse cenário se agravou ainda mais, já que 600 mil idosos precisaram se afastar das suas atividades laborais e outros 605 mil perderam seus empregos. Somando a isso as mortes de idosos decorrentes da Covid-19, as famílias ficaram desamparadas financeiramente, causando um enorme impacto econômico. Kalache lembrou que os idosos não querem viver com a família, e sim perto dela. Há algumas décadas, a opção de dividir espaço com filhos e netos só passava a ser considerada quando o idoso não tinha condições de manter a sua autonomia. Hoje acontece o contrário. As famílias precisam desse idoso dentro de casa, colaborando para o sustento do lar.

Além disso, como discutido nos dois primeiros encontros, a pandemia aumentou o preconceito contra a idade. Há casos de países que até criaram leis que proibiam idosos de sair às ruas, causando dano à saúde mental e agravamento de problemas preexistentes. “A pandemia mostrou a importância das políticas de Segurança Social, a necessidade de inclusão digital desses idosos e de uma política nacional de cuidados”, enfatizou Ana Amélia.

Mas se o idoso ainda é arrimo familiar, é preciso dar condições e abrir vagas no mercado de trabalho para essa população que continua ativa. O problema é que o idadismo ainda toma conta dos departamentos de recrutamento e seleção das empresas, que veem o profissional com mais de 50 anos como “velho” para ocupar uma vaga. Segundo Mórris Litvak, fundador da Maturi, plataforma que reúne oportunidades de trabalho para pessoas maduras e também faz a capacitação de idosos que queiram empreender, apenas 3% das pessoas nessa faixa etária estão empregadas. Ele alerta que as empresas só pensam em ter o profissional mais jovem, principalmente quando levam em conta a

transformação digital, e desprezam o maduro, por acreditarem que ele não consegue acompanhar essas novidades. Mas essa é uma percepção errada. “Fazemos um trabalho de conscientização nas empresas, mostrando a importância social e estratégica em ter diversidade etária no ambiente de trabalho. Porque as empresas falam muito em diversidade de gênero, de raça, movimento LGBT, mas de nada adianta incluir todas essas pessoas se elas são todas da mesma idade. Ter essa intergeracionalidade é fundamental”, destacou Morris. Ou seja, a questão etária ainda é esquecida no mundo corporativo.

A partir do momento em que as empresas se preparam para receber essas pessoas, apostando na integração de quatro ou mais gerações no mesmo ambiente de trabalho – algo que vem ocorrendo atualmente e que é inédito na história –, o ganho é enorme. Primeiro, porque a empresa conseguirá dialogar melhor com o público com mais de 50 anos, que compreende nada menos do que 50 milhões de brasileiros. Segundo, porque eles podem agregar valor à empresa com comprometimento, menor rotatividade (já que os profissionais nessa faixa etária não têm interesse em constantes mudanças de emprego), responsabilidade e qualidade no trabalho. “Por que um gestor só quer contratar um profissional com até 35 anos? Precisamos acabar com os mitos que compõem o preconceito etário, que mostram que o idoso é teimoso, é desatualizado tecnologicamente, que não é ágil ou é muito caro para a empresa. Não é a idade que define essas características, isso tem a ver com a pessoa”, diz o fundador da Maturi. Para finalizar, ele fez um alerta: “O preconceito etário é responsabilidade de todos, especialmente do mercado de trabalho. Se estamos vivendo mais, temos que trabalhar mais e ter mais empregos”.

### **Aprendizagem ao longo da vida**

Por outro lado, a pessoa idosa também precisa estar preparada para a aprendizagem contínua, seja para arrumar um emprego, seja para empreender. “A pessoa idosa tem que se capacitar, se reciclar, seja qual for o ramo de atividade. Ainda que o Estatuto do Idoso lhe dê garantia ao trabalho, se ela não aprender sempre, vai ficar sem emprego. Precisamos pensar em políticas públicas para permitir que essas pessoas se reciclem”, contou Litvak.

Já Daniele Vieira, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lembrou que esse princípio de aprendizagem contínua já vem sendo debatido há anos por organismos internacionais e que aprender ao longo da vida é um dos pilares do envelhecimento ativo. “Mas, quando falamos nesse tipo de aprendizagem, temos

que esquecer a lógica do passado, o modelo da sala de aula, em que a pessoa ia ao colégio, depois à universidade, arrumava um emprego e se aposentava. O futuro mostra uma série de atividades intercaladas. A pessoa trabalha, estuda, depois muda de emprego, faz outro curso. Sempre estão imersas em algum tipo de aprendizagem e em qualquer período da vida”, ensinou Daniele.

O que falta, porém, é o engajamento dos idosos nessa aprendizagem contínua. Segundo a palestrante, há muitas políticas de incentivo à aprendizagem destinadas a jovens adultos sem diploma, a indivíduos que estão buscando aprimoramento profissional, a desempregados, imigrantes, mas falta um foco à pessoa com mais de 50 anos. E aí existem dois lados: a falta de oportunidade de aprender e também a vontade do idoso de querer continuar aprendendo. “O que acontece é que aprendizagem não é só a questão profissional, mas também envolve outros aspectos que ajudam a melhorar a qualidade de vida desse idoso, como o maior nível de conhecimento para tratar de assuntos relacionados a saúde, prevenção, direitos, segurança”, disse Daniele. Para ela, é preciso incluir o público idoso nas atividades que proporcionam aprendizagem ativa. E, mais uma vez, volta-se ao assunto diversidade. “Quando pensamos em grupos vulneráveis, pensamos em crianças em situação de risco, imigrantes, grupos étnicos, os excluídos digitalmente e outros. Mas onde ficam os idosos? Eles precisam ser incluídos também”, salientou a palestrante.

## **4. COMO SERÁ O FUTURO?**

Depois de falar da importância da solidariedade na questão da pessoa idosa, dos aspectos sociais da longevidade e do envelhecimento saudável e ativo, o VIII Fórum Internacional da Longevidade chegou ao quarto e último encontro dessa edição falando sobre o futuro. Como será o futuro? Como preparar a sociedade para cuidar desse idoso? Como lidar com a solidariedade intergeracional? Como cuidar da cultura e de aspectos sociais? Essas foram algumas questões levantadas.

“Temos um foco na educação para a longevidade, pois acreditamos nesse quesito como mudança de futuro”, contou Michelle Queiroz Coelho, da Rede Solidariedade de Belo Horizonte (MG) e diretora de desenvolvimento institucional do ILC-BR. Por isso, o ILC-BR lançou um treinamento para ensinar os conhecimentos básicos para que pessoas e empresas estejam mais aptas para encarar as questões da revolução da longevidade. O tema é alicerçado em quatro pilares: saúde; aprendizagem ao longo da vida; participação ativa; cuidado e proteção. “Nós não queremos apenas

viver mais, queremos viver melhor e, por isso, é fundamental pensarmos no presente para preparar o futuro”, disse Kalache.

### Relacionamento entre as gerações

Ainda no tema de educação à longevidade, Alanna Armitage, diretora do escritório regional do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), em Istambul, na Turquia, falou sobre a solidariedade intergeracional. A expressão é definida pela ONU como a coesão social entre as gerações – como pessoas de diferentes idades podem se relacionar e como uma depende da outra na sociedade. O que acontece é que o conflito de gerações ainda é muito evidente e uma boa relação depende de um entendimento de todas as partes. Alana Officer, conselheira técnica sênior do Programa de Envelhecimento e Saúde da OMS, salientou que há muitas visões negativas nessa relação e que os dois lados – jovens e idosos – precisam se olhar de forma diferente para melhorar essa interação.

Mas existem boas notícias nesse sentido. Com base em bons exemplos que ocorreram durante a pandemia, Alanna Armitage acredita em mudanças para que os estereótipos que envolvem a intergeracionalidade deixem de existir. “Vimos jovens se mobilizando em muitos países para quebrar o isolamento de pessoas mais velhas, passando tempo com elas, ajudando com as tarefas rotineiras. Tivemos muitas pessoas idosas que se beneficiaram

dessas iniciativas. E nós enxergamos nelas uma oportunidade para demonstrar a solidariedade entre as gerações e ampliar essa mensagem pelo mundo”, contou Alanna. Essas ações, ainda que regionalizadas, ajudam a preparar a sociedade para o futuro, fazendo com que, daqui a alguns anos, possamos viver em uma sociedade em que os problemas intergeracionais deixem de existir. “A pandemia teve um papel muito importante nesse sentido, pois mostrou como podemos tratar da melhor maneira nossos idosos e que as gerações podem se ajudar”, afirmou a palestrante.

### Ecossistema *age-friendly*

Criar um sistema que acolha o idoso foi o tema do painel da pesquisadora americana Terry Fulmer, CEO da Fundação John Hartford (JHF), de Nova York, nos Estados Unidos. Ela compartilhou como funciona o sistema amigo do idoso – *age-friendly* – no país e também como a JHF trabalha para implementar ações parecidas em outros países pensando na longevidade.

Segundo ela, a fundação foca em cuidados em três áreas prioritárias: saúde, família e fim da vida – tema ao qual se deve dar mais atenção em nível global –, formando um ecossistema *age-friendly*, ou seja, um movimento social que se preocupa em cuidar dos idosos. Para ela, esse ecossistema é necessário para olhar a pessoa madura de maneira preventiva, não focando apenas na doença, mas na sua qualidade de vida. Por isso, se baseia em quatro

## CULTURA COMO ASPECTO SOCIAL PARA O IDOSO

A aquisição do conhecimento e a educação contínua passam por diversos aspectos da aprendizagem. Não se aprende somente em sala de aula, mas com as experiências não formais também. É aí que o segmento cultural se apresenta como um importante meio de aquisição de conhecimento no processo do envelhecimento saudável. “O conhecimento é o capital humano de maior valia dentro de uma sociedade contemporânea, e a prova disso foi a difusão de conteúdo consumido no meio digital enquanto a pandemia acontecia”, disse Bruno Assami, diretor executivo da Unibes Cultural.

Mesmo assim ainda há uma desproporção no seg-

mento. Menos de 18% dos municípios brasileiros têm uma livraria; 36% da população vivem em cidades sem um museu – nem mesmo para contar a história do próprio município –, 31% das cidades não têm teatros; 40% não têm cinemas; 19% não têm uma emissora de rádio e 15% não têm provedor de internet. Portanto, ainda existe um caminho logo para seguir. “É interessante quando vemos esses indicadores e enxergamos o desafio pautado na sociedade”, alerta Assami.

Além de contribuir para a aquisição do conhecimento, o setor cultural tem um papel importante para o idoso, já que é uma porta de entrada para a sua inserção no mercado de trabalho. Segundo Assami, 11% das pessoas que trabalham na indústria criativa têm mais de 60 anos.

aspectos: o que realmente importa para o idoso, medicação, mobilidade e atividade mental. Além disso, o ecossistema *age-friendly* fortalece as ações de solidariedade e empatia, beneficiando não só os idosos, mas a sociedade de maneira geral.

A implementação desse modelo é complexa e desafiadora, mas importante. “O ecossistema precisa funcionar como um todo. Não adianta falar que temos uma cidade *age-friendly*, por exemplo, se o sistema de saúde não for. As políticas públicas precisam andar juntas, falar a mesma língua”, enfatizou a pesquisadora. Para isso, diversas ações vêm sendo tomadas ao longo dos anos por instituições como a OMS e a própria Fundação John Hartford, a fim de preparar os países para que se organizem e tenham condições de integrar esse sistema. De acordo com ela, já há mais de 40 países – incluindo o Brasil – que participam das discussões para esse sistema funcionar.

### Combate ao idadismo

Não há como pensar em um ecossistema *age-friendly* se o idadismo continua forte na sociedade. Para falar sobre esse tema, Alana Officer, da OMS, conduziu o painel “Idadismo – O Último Grande Tabu”. Segundo a especialista, a idade é uma das características, junto com o gênero e a raça, que as pessoas mais notam quando encontram outro alguém. Isso é negativo, porque acaba categorizando os grupos e aumentando o preconceito (o que se sente), os estereótipos (o que se pensa) e a discriminação (como se age). Se por um lado a pandemia mostrou exemplos bons de solidariedade entre as gerações, de outro também revelou que esse preconceito contra o idoso – que durante muito tempo ficou escondido – é aceito socialmente. “Não existiram políticas públicas para esse grupo. Andamos ao contrário daquilo que se preconiza como certo, que é a alocação de recursos direcionada para aqueles que mais precisam. Na pandemia, isso não aconteceu”, destacou a especialista.

O que se vê, portanto, é que esse preconceito está crescendo. O que Alana Officer propõe é a união de toda a sociedade para combatê-lo. “Temos que mudar isso na próxima década”, desafiou. Ela lembrou que a OMS lançará no fim de janeiro de 2021 um relatório global que mostrará as diretrizes para acabar com o idadismo. “Eu encorajo que todos tenham acesso a ele, leiam e trabalhem juntos para melhorar a nossa sociedade para os próximos anos”, disse a conselheira da OMS. Para Silvia Perel-Levin, representante do comitê de ONGs sobre Envelhecimento da Aliança Global de ILCs, os governos devem trabalhar para criar uma legislação que

combata esse preconceito e consiga, o mais rápido possível, erradicar o idadismo.

Para encerrar o VIII Fórum Internacional da Longevidade, Gabrielle Kelly, do Centro de Bem-Estar e Resiliência, de Adelaide, na Austrália, foi convidada para falar sobre a importância da resiliência diante de tudo que passamos em 2020. Ela explicou que as pessoas podem melhorar com o tempo, mas isso depende de cada um estar disposto a mudar e lutar para um futuro que acreditamos ser melhor. “Eu prefiro falar que estamos na época da resiliência e é aqui que vamos definir como serão os próximos anos. A Covid-19 danificou o capital humano em nível mundial. Tivemos mortes, suicídios, doenças mentais, violência doméstica, problemas financeiros, desemprego, falência, jovens sem aula, carreiras estagnadas, deixando o futuro ainda mais incerto do que fora anteriormente”, disse a especialista.

Ela acredita que a resposta está no próprio meio social. “Temos que aproveitar o tempo em casa para pensar sobre o que já foi feito no passado e que não vai mais funcionar no futuro. É uma oportunidade gigante para os líderes tomarem medidas que vão ser escaladas e terão um impacto rápido na vida pós-Covid.” Para sair desse redemoinho de problemas, Gabrielle acredita que a melhor maneira é aprender a ter resiliência. “Teremos que ter um sentimento de gratidão, de força, de solidariedade que ajudará a superar os desconfortos e problemas provenientes da pandemia”, finalizou.

Realização



Patrocínio



Apoio

